

## ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

O ENGAJADO  
VALTER HUGO MÃE

## VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil. (Brasília-DF)  
veraluciaoliveira@hotmail.com



Valter Hugo MÃe (1972-) é um dos excelentes escritores modernos de Portugal. Multiartista nascido em Angola, como Pepetela e Eduardo Agualusa, que encantam os leitores, destaca-se pela originalidade, graça e engajamento.

No premiado *a máquina de fazer espanhóis* (Rio de Janeiro: Globo, 2016, com o belo Prefácio de Caetano Veloso), MÃe desperta a curiosidade do leitor já no intrigante título. Que máquina seria essa? A resposta está na história do país, em passagem contada *en passant*, sutilmente. História que lembra o passado longínquo de submissão da corte portuguesa ao domínio da poderosa Espanha, nos séculos 16 e 17, mais o passado recente da feroz ditadura salazarista que, como todo regime autoritário, deixa a população encolhida, covarde mesmo. E não haveria esse romance se não fosse a resistência dos que, lúcidos, não se deixaram cooptar pelo regime; é o que nos diz o livro.

Mãe toca na ferida dos portugueses já no primeiro capítulo ao falar do “fascismo dos bons homens”, aqueles que defendem a liberdade (deles), a família (deles), a religião (deles) e a pátria (não importa quem a domine). Todos honestos e trabalhadores como o protagonista antônio jorge da silva — assim mesmo: com iniciais minúsculas, como de resto todos os nomes próprios para, segundo o autor, favorecer a oralidade do texto e democratizar “numa utopia de igualdade”, até o próprio nome. E mais: sem sinais de interrogação e exclamação ou travessões indicadores de mudança de interlocutor nos diálogos. Essa oralidade não é novidade, sabemos, pois os leitores de Saramago já estão familiarizados com esse recurso. Mas continua interessante, pois exige atenção redobrada e participação ativa do leitor.

antônio Jorge da silva, cidadão comum, de nome comum, mais

um silva, como a planta comum em Portugal e no Brasil, é o personagem que sustenta a narrativa, e sustentaria ainda que estivesse sozinho, dada a sua força e pluridimensionalidade. Barbeiro por profissão, pai de família exemplar, marido apaixonado, vivia no seu mundo particular, sem incomodar e sem ser incomodado. Até que um dia, nos idos de 1960, deu guarida a um jovem fugitivo em sua barbearia. Até que um dia, deixou a mulher amada no hospital. Até que um dia foi deixado no “feliz idade”, abrigo de idosos onde conheceu pessoas interessantes como o esteves sem metafísica — pasmem! Saído do poema “A tabacaria”, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Esse recurso literário, do *mise en abîme*, espécie de espiral dentro da obra é, no romance, muito divertido. O personagem centenário do famoso poema surge, para surpresa de antônio silva, cheio de metafísica, passagem sutil apreciada, pensamos, somente por leitores iniciados. O bem-humorado antônio silva faz ainda graça com Nossa Senhora de Fátima chamando-a de “mariazinha”; escreve cartas de amor para a pobre dona Marta, mulher esquecida no retiro pelo marido, passando-se por este, o que a enche de felicidade; e diverte os companheiros no lar dos velhinhos com suas tiradas inteligentes de ateu provocador.

Mãe consegue algo difícil: tornar a leitura cada vez mais atrativa e o enredo cada vez mais substancial, em um espaço limitado fisicamente, apenas com a conversa de poucos personagens e suas lembranças, mas com a força que só os grandes livros têm. Em meio a ironias e conversas divertidas ou mal-humoradas (o que é muito divertido também), os idosos com suas idiossincrasias formam um mini-país, um pequeno Portugal, tanto pelas convicções políticas divergentes, pela religiosidade



FOTO: Divulgação

(ou falta de); todos, porém, a um passo do desembarque final do trem da vida. E o melhor: o livro passa longe do didatismo, da famigerada autoajuda, com supostas lições de vida dadas por idosos experientes, pois o que queria de fato o senhor antônio silva era desaprender... O realismo d'*a máquina de fazer espanhóis* é literário. Os personagens comovem por seu humanismo sem heroísmo. Todos bons e todos maus, como toda a gente:

Somos bons homens, não digo assim que sejamos uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons e ainda conservamos uma ingênua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores. (p. 25).

Assim começa a narrativa com o depoimento do silva, bom cidadão, pacífico pai de dois filhos, que conheceu a pobreza extrema e tem pesadelos horríveis com abutres debicando-lhe o corpo.

Para uma análise rigorosa desse romance, precisaríamos aprofundar os estudos psicanalíticos (a começar pelo nome artístico “Mãe”, em substituição ao sobrenome Lemos do autor), bem como os estudos políticos e literários, uma vez que o autor mergulha tanto na psique dos personagens quanto na história do país, juntando as duas pontas que unem o ser humano, indivíduo e ser social. Duas pontas da vida, sutil-



mente mostradas nas duas alas do edifício, a direita voltada para o parque onde brincam as crianças e a esquerda voltada para o cemitério, como bem observou antônio silva, que, revoltado, passou a habitar o lar onde viviam noventa e três idosos, “o lar de ‘feliz idade’, assim se chama o matadouro para onde fui metido, que irônico nome (...)”. (p. 66).

Mas, após a revolta inicial, descobriu a simpática convivência, a amizade dos companheiros, que é o que resta quando a família dá as costas para os seus velhos que teimam em não largar o osso... Essa foi, disse ele,

uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parentescos no sangue, apenas no destino de distribuímos a solidão uns pelos outros. distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era

uma irmandade do coração, uma capacidade de se ser leal como nenhuma outra. (...) nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro, nunca teria percebido como um estranho pode nos pertencer, fazendo-nos falta. não era esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre as pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (pp. 250 e 251).

Com o companheiro anísio franco, aprendeu a diferença entre a igreja e a fé; do silva da europa, ouviu que “a igreja é uma instituição pançada que se deixou confortavelmente sentada ao lado de Salazar” (p. 128), e que há um “fascismo indelével em achar que antigamente é que era bom. Este é um fascismo remanescente que vem das saudades (...)” (p. 129). Aprendeu, com a bondade dos funcionários, como o américo e o doutor bernardo, a aguentar enquanto fosse possível o seu destino.

Sem perder a lucidez, do alto de seus oitenta e quatro anos, antônio silva vê a situação política de Portugal que, naquele momento economicamente difícil, na condição de periferia do continente europeu, com salários aviltantes, era “um país de cidadãos não praticantes” (p. 167), pacificado pela ignorância, como disse o silva da europa. Teve memória ainda para lembrar-se de que fora também uma peça na engrenagem da máquina salazarista e que, em sua covardia, portara-se, como tantos, como “um porco” (p. 188), segredo que guardara para si daquele tempo infame de Salazar. E pediu ao amigo anísio que, ao morrer, não trouxesse padre ou rezas, para ter a certeza de que não iria para o céu...

Esse livro de escrita magnífica, que recebeu o honroso Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano, em 2012, trata de temas sensíveis e tocantes como a amizade, a solidão, a velhice, o abandono e a proximidade da morte. Mas num contexto em que o mea-culpa faz toda a diferença.

## De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato\_br

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685